



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 11, NÚMERO 3 | JUL.-SET. 2022  
<https://doi.org/10.47295/mren.v11i3.381>

## ENGOLIR OU FALAR PELAS TRIPAS: OS SAPOS



## SWALLOW OR TALK THROUGH THE GUTS: THE FROGS

FRANCISCO TOPA

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 07/08/2022 • APROVADO EM 28/09/2022

---

### Abstract

Starting with the poem *Os sapos*, by Manuel Bandeira, read on the second night of the Semana de Arte Moderna in 1922, the article discusses the topic of the frog, not only in this and other compositions by the author, but also in contemporary language and culture, in the popular tradition (from Brazil and Portugal) and in classical literature.

---

### Resumo

Starting with the poem *Os sapos*, by Manuel Bandeira, read on the second night of the Semana de Arte Moderna in 1922, the article discusses the topic of the frog, not only in this and other compositions by the author, but also in contemporary language and culture, in the popular tradition (from Brazil and Portugal) and in classical literature.

---

### Entradas para indexação

**KEYWORDS:** Frog; Manuel Bandeira; popular tradition; classical literature.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sapo; Manuel Bandeira; tradição popular; literatura clássica.

---

**Texto integral**

---

É bem conhecida a importância simbólica do poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira, na apresentação pública do movimento modernista brasileiro. Publicado em 1919 no volume *Carnaval*, o texto veio a ser lido na segunda noite da Semana de Arte Moderna de 1922, numa performance que o elevaria, nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda, ao estatuto de hino nacional dos modernistas.

Muito se escreveu (e repetiu) sobre o poema e o seu significado (de conjunto e das suas muitas particularidades), enfatizando-se sempre a sua faceta de libelo antiparnasiano e manifesto do modernismo. Creio, contudo, que pouco se pensou sobre a sua dimensão de fábula e sobre o animal que a protagoniza, o sapo. Ora, não sendo um animal propriamente estranho nem exótico, dificilmente poderemos considerar a escolha de Manuel Bandeira como óbvia.

Desconhecendo por certo o autor de *Carnaval*, George Orwell publicaria um quarto de século depois, em 1946, um curioso ensaio intitulado *Some Thoughts on the Common Toad*, afirmando a certa altura: “I mention the spawning of the toads because it is one of the phenomena of spring which most deeply appeal to me, and because the toad, unlike the skylark and the primrose, has never had much of a boost from poets.” (ORWELL, 2010: 2). Embora não tenha chegado a fazer uma busca exhaustiva, creio que Orwell tem razão: o sapo é um animal pouco *poetável*, inclusive na obra de Manuel Bandeira. E, no entanto, como tenta provar-nos Orwell, o sapo é um dos primeiros sinais da bela estação da primavera e “*the pleasures of spring are available to everybody, and cost nothing*” (ORWELL, 2010: 2). Além disso, ao contrário da impressão mais difundida,

*At this period, after his long fast, the toad has a very spiritual look, like a strict Anglo-Catholic towards the end of Lent. His movements are languid but purposeful, his body is shrunken, and by contrast his eyes look abnormally large. This allows one to notice, what one might not at another time, that a toad has about the most beautiful eye of any living creature. It is like gold, or more exactly it is like the golden-coloured semi-precious stone which one sometimes sees in signet rings, and which I think is called a chrysoberyl. (ORWELL, 2010: 1)*

Opinião semelhante poderá ter tido Tarsila do Amaral quando, uma década depois de Bandeira, pintou “O Sapo”:



*O Sapo*, 1928. Óleo sobre tela, 51 x 62 cm. Col. Museu de Arte Brasileira – FAAP (São Paulo)  
 Fonte: <<http://tarsiladoamaral.com.br/en/obra/anthropophagic-1928-1930/>>

Quanto a Bandeira, há na sua obra outros sinais da presença do sapo, embora quase sempre em posição não central e num registo mais comum. É o caso deste fragmento de “Paisagem noturna”, de *A cinza das horas*, de 1917: “E cadentes, metálicos, pontuais,/ Os tanoeiros do brejo,/ – Os vigias da noite silenciosa,/ Malham nos aguaçais.” (BANDEIRA, 1985: 121). Ou, mais à frente: “As estrelas sorriem de escutar/ As baladas atrozés/ Dos sapos.” (BANDEIRA, 1985: 122). Também “Noite morta”, de *O ritmo dissoluto* (1924), abre com uma referência a estes batráquios: “Noite morta./ Junto ao poste de iluminação/ Os sapos engolem mosquitos.” (BANDEIRA, 1985: 194). Temos igualmente o caso de “Sapo-cururu”, que integra *Mafuá do malungo*, de 1948, e constitui uma variação – parcialmente satírica – da cantiga de roda com o mesmo título que circula no Brasil<sup>1</sup>:

Sapo-cururu

Sapo-cururu  
 Da beira do rio.  
 Oh que sapo gordo!  
 Oh que sapo feio!

<sup>1</sup> A forma mais comum é esta: “Sapo Cururu,/ Na beira do rio,/ Quando o sapo canta, ó maninha,/ É porque tem frio.// A mulher do sapo,/ Diz que está lá dentro,/ Fazendo rendinha, ó maninha,/ Para o casamento.”

Sapo-cururu  
 Da beira do rio.  
 Quando o sapo coaxa,  
 Povoléu tem frio.

Que sapo mais danado,  
 Ó maninha, ó maninha!  
 Sapo-cururu é o bicho  
 Pra comer de sobreposse.

Sapo-cururu  
 Da barriga inchada.  
 Vôte! Brinca com ele...  
 Sapo-cururu é senador da República. (BANDEIRA, 1985: 395-6)

Por fim, há o curto poema “Vozes na noite”, de *Opus 10* (de 1952): “Cloc Cloc Cloc.../ Saparia no brejo?/ Não, são os quatro cãezinhos policiais bebendo água.” (BANDEIRA, 1985: 300).

Apesar destas ocorrências, Manuel Bandeira parece estar bem distante da posição do autor de *Animal Farm* quanto aos sapos, acompanhando de resto a tendência da literatura e da cultura, eruditas e populares. Não significa isto, porém, que o motivo do sapo não ocorra a espaços, mesmo na atualidade política, pelo menos portuguesa. Por estes dias, numa das suas crónicas no *Público*, escrevia o comentador João Miguel Tavares: “Mas o facto é que não há catástrofe imediata. Ela é previsível, mas não é visível. Somos o sapo a cozer lentamente na panela.” (TAVARES, 2022: s/p). Referia-se o autor a uma espécie de apólogo em que se conta que um sapo, colocado numa panela de água a ferver, salta de imediato e sobrevive, ao passo que, posto numa panela em que a água vai aquecendo devagar, não salta e acaba por morrer cozido. Pouco importa, neste como noutros apólogos, que a premissa não seja cientificamente correta (cf. GIBBONS, 2007): o sapo metido em água a ferver morre antes de conseguir saltar e o que é colocado na segunda situação foge quando a temperatura ultrapassa um certo limite, evitando assim a morte. Mas o mais importante é a força da imagem como elemento de persuasão, o que explica que ela venha sendo usada há tanto tempo, sobretudo em contexto de tensão política ou social.

Alguns meses antes, o consultor financeiro Jorge Costa Oliveira publicou uma crónica no *Diário de Notícias* com o título “O sapo no poço não conhece o grande oceano”. O ponto de partida é a fábula chinesa de Zhuang Zi, conhecida em inglês pelo título de “The frog of the well” ou “Looking at a sky down in a well.” A ideia central é a tomada de consciência por parte do sapo da limitação dos seus horizontes: como lhe explica a tartaruga, o mundo não se limitava ao que ele podia ver a partir do poço em que vivia, mas era muito mais vasto e interessante do que ele supunha. Também neste caso, a fábula serve ao cronista para lamentar o diagnóstico que faz da situação portuguesa: as nossas elites teriam deixado “de ser maioritariamente compostas de «tartarugas»”, tendo crescido “oscilando entre o

poço do retângulo e alguns poços europeus”; por outro lado, ter-se-iam perpetuado os “sapos grandes rentistas sem capacidade para adotar atitudes disruptivas”.

De facto, hoje a imagem do sapo raramente apresenta contornos agradáveis, pelo menos no Ocidente. Associado à fealdade, chega a inspirar medo, como se vê no início de uma famosa canção infantil portuguesa do final dos anos 70 do século passado<sup>2</sup>:

Eu vi um sapo  
Um feio sapo  
Ali na horta  
Com a boca torta

Tu viste um sapo  
Um feio sapo  
Tiveste medo  
Ou é segredo

Idêntica imagem surge noutra canção portuguesa da mesma época, “Chamem a polícia”<sup>3</sup>, dos Trabalhadores do Comércio:

Mandei vir uma cola  
e um guardanapo  
e o cara de sapo  
pediu-me logo o taco  
o malcriadão

Há, porém, exemplos de tipo contrário, a começar pelo Kermit do *Muppet Show* (que, no original, é uma rã, mas foi batizado no Brasil como Caco, o Sapo e, em Portugal, como sapo Cocas). Mas casos como esse não desfazem a animadversão contra o sapo, que vem claramente plasmada na entrada de um dos melhores dicionários antigos de português, o Bluteau:

sapo. Animal terrestre, & aquatico, hediondo, & asqueroso, cuberto de hũa pelle parda, escura, salpicada de manchas, que parecem bostellas, & muyto dura. Lança com a ourina o seu veneno, & para a lançar mais longe, se incha. Tambem o seu sangue he venenoso;

---

<sup>2</sup> Intitulada “Eu vi um sapo”, tem como autores César Batalha (música) e Lúcia Carvalho (letra). Ganhou o prémio de melhor letra na Gala Internacional dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz, em 1979, e representou Portugal, em 1980, no Sequim d’Ouro, em Bolonha. A canção foi interpretada por Maria Armanda de Jesus Lopes, que venceu o certame.

<sup>3</sup> Que faz parte do álbum *Tripas à moda do Porto*, de 1981.

& ainda que não tenha dentes, morde com a boca, que he muy aspera, & peçonhenta. (BLUTEAU, 1720: VII, 493)

Sentimento idêntico domina na tradição popular portuguesa, como foi notado por Guilherme Felgueiras: “Pelo seu movimento torpe e aspecto soturno, indolente e um tanto repulsivo, o sapo tem a antipatia do povo, e até os zoólogos lhe chamam *bufô*, que significa chocarreiro, truão, que faz rir com os seus esgares e atitudes burlescas.” (FELGUEIRAS, 1963: 67). E, um pouco mais à frente, acrescenta o etnógrafo, num registo que hoje não colheria aprovação:

Apesar dos bafejos da civilização e do avanço da fisiologia e de outras investigações científicas, é ainda hoje o negregado animalejo vítima de injustas aleivosias por parte das pessoas de cultura pouco aprimorada, que implacavelmente o repelem, por lhes inspirar horror a sua fealdade. Asseveram que tem a baba peçonhenta, a urina corrosiva, a mordedura perigosa... e outros anátemas deste jaez, que só encontram refúgio numa caliginosa ignorância. (FELGUEIRAS, 1963: 68)

O mesmo investigador enumera algumas expressões populares relacionadas com o batráquio em causa, parte das quais é possível que tenha, entretanto, desaparecido:

No Minho e em Trás-os-Montes, o indivíduo de baixa estatura, vagaroso e indolente, é conhecido por *sapoilo*, *sapa*, *sapoila* ou *sapelo* e, no Algarve, diz-se, por injúria, *sapolga*, duma pessoa atarracada, feia, obesa ou desajeitada, a que, no Alentejo, chamam *salapoio* e, noutras províncias, *saparrão*. (FELGUEIRAS, 1963: 80)

No conto popular, pelo contrário, a representação do sapo tende a ser positiva. Sílvio Romero, nos seus *Contos populares do Brasil*, cuja 1.<sup>a</sup> edição é de 1885, inclui “O veado e o sapo” (2000: 309-10), que é uma espécie de variação de “A tartaruga e a lebre”, juntamente com “O urubu e o sapo” (2000: 287-8), uma narrativa, também comum em Portugal com algumas diferenças, em que a esperteza do sapo é castigada, e ainda “A sapa casada” (2000:139-41), variação no feminino do príncipe encantado em sapo. Do mesmo modo, Luís da Câmara Cascudo, nos *Contos tradicionais do Brasil*, vindos a lume em 1946, inclui dois textos que sublinham a inteligência manhosa do anfíbio: “O sapo e o coelho” (1986: 181) e “O sapo com medo d’água” (1986: 191).

Fora do Brasil, o mais conhecido conto dominado pela figura do sapo será “Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich” (geralmente traduzido como “O príncipe sapo ou Henrique de Ferro”), publicado pela primeira vez pelos irmãos Grimm em 1812 na abertura dos seus *Kinder- und Hausmärchen* (“Contos da criança e do lar”). Diferentemente da versão hoje mais difundida, a quebra do encanto do

príncipe acontece quando a princesa atira o sapo contra a parede. Signo de fertilidade em muitas culturas – como acontecia no antigo Egipto –, o sapo tem igualmente merecido, por parte de psicanalistas que se basearam neste conto, uma interpretação de tipo sexual, associando-a também à ideia de crescimento e de maturação.

Outro conto publicado pela dupla alemã em que o sapo está presente é “Die drei Sprachen” (“As três línguas”). Enviado pelo desanimado pai a três sábios, o filho de um conde aprende coisas aparentemente inúteis: a linguagem dos cães, dos pássaros e dos sapos (ou rãs). Poucado da morte a que o pai o condenara, o jovem acaba por ter grande sucesso graças às línguas que aprendera, sendo investido como papa.

Mas é na literatura clássica que se encontra a mais conhecida história protagonizada por um sapo (ou uma rã). Trata-se da fábula “O sapo (ou a rã) e o touro”, atribuída a Esopo<sup>4</sup>. Provável fonte de inspiração para o poema de Manuel Bandeira, nela se fala de um batráquio que tenta inchar até ficar do tamanho de um touro, mas que acaba por explodir. A fábula seria retomada por Fedro (livro I, n.º 24, “Rana Rupta et Bos”), com idêntica moralidade: “*Inops potentem dum uult imitari perit.*” (“*Le pauvre qui veut imiter le puissant est perdu.*”, FEDRO, 1969: 17). O motivo foi depois recuperado por La Fontaine, em “*La Grenouille qui se veut faire aussi grosse que le bœuf*”, texto que integra o livro I das *Fables* deste autor, publicado em 1668. Neste caso, a lição é de tipo mais classista, criticando o arrivismo:

*Le monde est plein de gens qui ne sont pas plus sages :  
Tout Bourgeois veut bâtir comme les grands Seigneurs ;  
Tout petit Prince a des Ambassadeurs,  
Tout Marquis veut avoir des Pages. (LA FONTAINE, 1991: 55)*

A representação crítica e satírica do sapo ocorre também na paródia clássica *Batracomiomaquia* ou *Batalha dos Sapos e dos Ratos*, hoje mais consensualmente dada como do Pseudo-Homero. A par dessa linha um tanto cómica, há uma série de outras manifestações que traduzem a crença nas propriedades malélicas do sapo, por vezes geradoras de medo. A isso se refere Guilherme Felgueiras, que apresenta um exemplo de texto recolhido na região do Minho e Douro Litoral, a ser pronunciado três vezes pela pessoa que encontra um sapo que a fita, ao mesmo tempo que se deve cuspir o mesmo número de vezes:

Santos em mim,  
Quebrantos em ti,  
Todo o meu mal  
Fuja para ti. (FELGUEIRAS, 1963: 72)

<sup>4</sup> Figura no chamado Índice de Perry sob o n.º 376.

Não esqueçamos também que a segunda praga enviada por Deus contra o Egito (narrada em Ex 8:6) era constituída por sapos (ou rãs). É talvez esta antiga crença que explica uma estranha prática discriminatória existente em Portugal e que foi tornada visível pela curta metragem *Balada de um batráquio*, realizada por Leonor Teles em 2016. Trata-se da colocação, à entrada de lojas e de casas, de sapos de porcelana, de modo a afastar membros da comunidade *rom*, a quem tais imagens causarão medo por serem interpretadas como de mau agoiro.

Outro sinal, agora de tipo linguístico, da conotação negativa deste batráquio está na expressão *engolir sapos*, que existe em diversas línguas e que em Portugal tem também uma tradição política<sup>5</sup>. Uma possível explicação para a fraseologia radica numa prática das sociedades célticas antigas, em que a infeção respiratória era curada através da colocação de um sapo na boca do doente. Há também quem a relacione com a seguinte passagem de um escrito de Nicolas Chamfort, depois retomado por diversos autores:

M. de Lassay, homme très-doux, mais qui avait une grande connaissance de la société, disait qu'il faudrait avaler un crapaud tous les matins, pour ne trouver plus rien de dégoûtant le reste de la journée, quand on devait la passer dans le monde. (CHAMFORT, 1794-5: IV, p. 335)

Embora não seja possível chegar a uma conclusão definitiva sobre os motivos que terão levado Manuel Bandeira a recorrer à figura do sapo para satirizar o parnasianismo e o seu chefe de fila, Olavo Bilac, creio que o conjunto de elementos até agora apresentado sugere que o recurso não é tão imprevisto quanto poderia parecer à primeira vista. O mesmo pode ser dito das frases curtas que aparecem a espaços no poema e que constituem um dos seus traços mais marcantes e que mais impacto causou aquando da leitura na semana de 1922. De facto, tais *berros* não estão tão longe assim de algumas das versões da chamada *voz do sapo*. O português João da Silva Correia escreveu em 1926:

Também na mesma localidade [Semide<sup>6</sup>] a voz dos sapos é interpretada por *govêrno! govêrno!*, sugerindo aos camponeses que a ouvem esta observação: “Têm quanta terra querem – e inda estão *govêrno! govêrno!*” (CORREIA, 1926: 582)

Guilherme Felgueiras apresenta outra interpretação curiosa do coaxar destes batráquios, recolhida na região das Beiras:

---

<sup>5</sup> Relacionada com o apoio que o Partido Comunista Português se sentiu obrigado a dar ao socialista Mário Soares, na segunda volta das eleições presidenciais de 1986.

<sup>6</sup> Miranda do Corvo, Coimbra.

- Compadre, tens roupa?  
 - Eu tenho, e tu?  
 - Pouca, pouca...  
 (FELGUEIRAS, 1963: 86)

Curiosamente, uma das poucas notas jornalísticas coetâneas, assinada sob o pseudónimo de Hélios – que sabemos corresponder a Menotti del Picchia – também fala em *vozes de animais*, mas para se referir às manifestações de parte do público:

De um lado, artistas de fama diziam versos, recitavam trechos de prosa, enchiam o ambiente de harmonias. De outro lado, alguns indivíduos, que chegaram a envergonhar o gênero humano, por dele conservarem apenas o “aspecto”, ladravam e cacarejavam. (HÉLIOS, *A vitória*, apud Thalassa, 2007: 140)

Além disso, outro dos versos mais fortes do poema – “Falamos pelas tripas” – tem um ilustre antecedente brasileiro que remonta ao século XVII: no terceto final do soneto começado pelo verso “Neste mundo é mais rico o que mais rapa”, um texto dirigido aos que têm “Bengala hoje na mão, ontem garlopa”, podemos ler:

Para a tropa do trapo vazo a tripa,  
 E mais não digo, porque a Musa topa  
 Em apa, epa, ipa, opa, upa. (TOPA, 1999: 313)

Manuel Bandeira não foi tão longe, mas obrigou e obriga muitos dos seus (e nossos) contemporâneos a engolir os sapos que do “perau profundo”, “Sem glória, sem fé”, continuam a fazer a arte moderna, livre de receitas.

---

## Referências

---

- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. Vol. VII. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1986.
- CHAMFORT, Nicolas. *Œuvres de Chamfort, recueillies et publiées par un de ses amis*. Tome IV. Paris: Chez le Directeur de l’Imprimerie des Sciences et Arts, 1794-5.
- CORREIA, João da Silva. A interpretação verbal de sons e ruídos naturais. *Biblos – Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. II, 1926.
- ESOPO. *Fables*. A new translation by Laura Gibbs. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- FEDRO. *Fables*. Texte établi et traduit par Alice Brenot. 3<sup>ème</sup> tirage. Paris: «Les Belles Lettres», 1969.
- FELGUEIRAS, Guilherme. “Os batráquios no conceito popular e na superstição”. In *Actas do 1.º Congresso de Etnografia e Folclore* promovido pela Câmara Municipal de Braga (de 22 a 25 de Junho de 1956). Vol. II. Lisboa: [Junta de Acção Social], 1963.

GIBBONS, Whit. The Legend of the Boiling Frog is Just a Legend. **Ecoviews**. Savannah River Ecology Laboratory, University of Georgia, 2007.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. **The Original Folk and Fairy Tales of the Brothers Grimm: The Complete First Edition**. Edited and translated by Jack Zipes. Illustrated by Andrea Dezsoe. New Jersey: Princeton University Press, 2016.

HÉLIOS, pseud. A vitória. Correio Paulistano. 18 de fev. de 1922. In: Thalassa, Ângela. **Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna**. Dissertação para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica. São Paulo: PUC-SP, 2007.

LA FONTAINE, Jean. **Fables**. Édition présentée, établie et annoté par Jean-Pierre Collinet. Paris: Galimard, 1991.

OLIVEIRA, Jorge Costa. O sapo no poço não conhece o grande oceano. **Diário de Notícias**, 5 de mai. de 2021. Disponível em <<https://www.dn.pt/opiniao/o-sapo-no-poco-nao-conhece-o-grande-oceano-13683610.html>>.

ORWELL, George. **Some Thoughts on the Common Toad**. London: Penguin Books, 2010.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. São Paulo: Landy, 2000.

TAVARES, João Miguel. Porque é que Rui Rio vai perder as eleições. **Público**, 15 de jan. de 2022. Disponível em <<https://www.publico.pt/2022/01/15/opiniao/opiniao/rui-rio-vai-perder-eleicoes-1991954>>.

TELES, Leonor. **Balada de um batráquio**. Portugal Film, 2016.

Topa, Francisco. **Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos – Vol. II: edição dos sonetos**. Porto: Edição do Autor, 1999.

---

#### Para citar este artigo

---

TOPA, F. Engolir ou falar pelas tripas: os sapos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 11, n. 3, 2022, p. 61-70.

---

#### O autor

---

FRANCISCO TOPA é mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação do Professor Doutor Dionei Mathias. Graduanda do curso de Letras - Português (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Maria/UAB. Licenciada em Letras - Inglês e suas Literaturas na Universidade Federal de Santa Maria.